

MARCHA DAS VADIAS: MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA À CULTURA PATRIARCAL EXPRESSO NA CORPOREIDADE DAS MULHERES BRASILEIRAS CONTEMPORÂNEAS¹

Viviane Maria Ceni²

Resumo:

O presente artigo teve por objetivo conhecer a atuação do movimento de resistência “Marcha das Vadias” na constituição da corporeidade das mulheres brasileiras contemporâneas. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico, cujos temas abordados foram: Marcha das Vadias; Cultura Patriarcal; Corporeidade Feminina. Frente à literatura apresentada é possível considerar que a “Marcha das Vadias”, enquanto movimento de resistência, representa novos e ousados movimentos de ativismo feminista, por sua vez, livres das organizações tradicionais e da política partidária, ato que impulsiona a busca pela liberdade feminina. Em contrapartida, embora se considere esse movimento como portador de potencial capaz de dar voz às reivindicações, as lutas das mulheres por relações igualitárias de gênero ainda se deparam com limites na sociabilidade capitalista.

Palavras-chave: movimentos de resistência; marcha das vadias; cultura patriarcal; corporeidade.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo teve por objetivo conhecer a atuação do movimento de resistência Marcha das Vadias, na constituição da corporeidade das mulheres brasileiras contemporâneas.

A “Marcha das Vadias” teve como inspiração o movimento *Slutwalk*, originado em fevereiro de 2011 na cidade de Toronto, no Canadá, segundo Ribeiro; O’Dwyer, Heilborn (2018), em resposta ao discurso de um policial, em uma palestra sobre segurança no campus da Universidade de Toronto, afirmando que para não serem vitimizadas, as mulheres não deveriam “se vestir como vadias”. A compreensão de que tal fala é fortalecedora dos mitos envolvendo violência sexual,

¹ Artigo apresentado como trabalho de conclusão de curso de graduação em Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Psicóloga. Orientadora: Professora Dr^a Zuleica Pretto. Florianópolis, 2018

² Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina. vivyaneceni@gmail.com.

imputando culpa às vítimas, originada nas instituições que supostamente deveriam protegê-las, e não culpabilizá-las, fez com que mulheres marchassem nas ruas de Toronto, com os corpos seminus ou vestindo roupas provocativas. Portando cartazes e faixas e utilizando o corpo como expressão de sentimentos, através de frases nele desenhadas, reivindicavam a inocência das vítimas nas agressões sofridas, ao invés da culpabilização. “Difundindo-se por meio de redes sociais e *blogs* na internet, o movimento rapidamente globalizou-se, já tendo ocorrido em diversos países” (RIBEIRO; O’DWYER, HEILBORN, 2018. p. 86). No caso do Brasil, a Marcha das Vadias tem se apresentado como um protesto que vai além da reivindicação pelo fim da imputação da culpa às mulheres pelo estupro. Ocorre com o intuito de reivindicar o fim da violência doméstica, física, simbólica e sexual. Considera-se ainda, que o movimento foi o responsável por motivar a saída das mulheres às ruas na intenção de exigir o fim do machismo e a igualdade de gênero (CARTA MANIFESTO DA MARCHA DAS VADIAS, 2011).

Observa-se, na contemporaneidade, um contexto de confronto entre o conservadorismo e grupos que defendem a igualdade de gênero e diversidade sexual. Nesse panorama, o ideário feminista dissemina-se e ganha o apoio de uma geração de mulheres cada vez mais jovens, com a adesão de coletivos universitários e secundaristas, favorecendo vasto campo de manifestações sociais. De acordo com Gomes (2017), esse contexto possibilita uma multiplicidade de intenções ideológicas, dentre as quais se destaca o feminismo sem opressões, cuja questão está disseminada na Marcha das Vadias.

Os setores conservadores remetem à cultura patriarcal, como propulsora de inúmeras causas capazes de provocar esse tipo de movimento social, sendo o patriarcado objeto de discussão no campo das ciências sociais há décadas. Esse termo pode ser conceituado como uma forma de organização social em que o pai, chefe de família, exerce seu poder sobre os demais membros de sua família ou sobre a comunidade em que vive (AGUIAR, 2000). Via de regra, gênero pode significar relações igualitárias entre homens e mulheres; sendo que, contrariamente, patriarcado trata, essencialmente, da relação de dominação material e simbólica dos homens sobre as mulheres (SAFFIOTI, 2004), designando às mulheres posições claras de menor poder, de submissão a injustiças e violências de diversas espécies,

em restrição de liberdade. Conforme Labronici, Fegadoli e Correa (2010, p. 405), “a liberdade para viver em segurança é, ou deveria ser, um direito desfrutado por todos”.

Diante dessa conjuntura, a principal reivindicação da Marcha das Vadias é a autonomia das mulheres sobre seus corpos e sua sexualidade, e a não culpabilização pelas violências sofridas. Segundo Oliveira (2015), dentre outras reivindicações de luta estão os direitos reprodutivos e sexuais, a defesa da laicidade do Estado, a legalização do aborto. Desse modo, uma das importantes conquistas do feminismo é a valoração das mulheres como sujeito autônomo, fruto de sua própria história, o que reforça a negação de concepções de desprezo que durante muito tempo a colocaram como pessoa incapaz de tomar suas próprias decisões.

O patriarcado, bem como sua supremacia sobre a corporeidade feminina, se manifesta em movimentos de resistência, constituindo-se a partir de questões sócio-históricas, dentre outras. O comportamento corporal apresenta potencialidades e ações transformadoras sobre os grupos sociais, sendo, além disso, influenciado pelas questões políticas, éticas e estéticas. As mulheres que se levantam e resistem ao patriarcado são rotuladas e estigmatizadas por suas famílias e a sociedade como um todo (CAETANO, 2017).

De acordo com Ribeiro, O’Dwyer e Heilborn (2018, p. 92), “na atual circunstância de propagação dos ideais feministas, a maneira de fazer política defendida pelas ativistas da Marcha das Vadias poderá ser vista, nesse sentido, como parte importante dessa revitalização”. Isso considerado, buscou-se no presente estudo responder à seguinte problemática: como a Marcha das Vadias promove a ruptura com a corporeidade da cultura patriarcal?

A partir da problemática abordada, desencadeou-se o objetivo geral da pesquisa que consiste em conhecer a atuação do movimento de resistência Marcha das Vadias, na constituição da corporeidade das mulheres brasileiras contemporâneas, bem como os específicos, quais sejam: a) abordar, na literatura científica relativa a estudos de gênero, a atuação da cultura patriarcal na constituição da corporeidade feminina; b) caracterizar o movimento de resistência Marcha das Vadias; c) conhecer formas de resistência à cultura patriarcal expressas na corporeidade das mulheres brasileiras contemporâneas, inspiradas pelo

movimento Marcha das Vadias. Este artigo, no entanto, não tem o objetivo de esgotar as considerações sobre o tema que, por sua profundidade, exigiria uma revisão intensa da literatura específica a fim de maior apreciação no que diz respeito a análise e crítica. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico, elaborada a partir de três pontos analíticos, a saber: Marcha das Vadias; cultura patriarcal e corporeidade feminina; e por fim: a Marcha das Vadias como um movimento de resistência à cultura patriarcal.

Uma vez feitas as considerações introdutórias, onde foi apresentado o tema, problema e objetivos, parte-se para a apresentação da metodologia utilizada para o desenvolvimento do presente estudo.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico com abordagem qualitativa. Caracteriza-se, segundo Gil (2008), por levantamento de bibliografia já publicada. Neste estudo em específico foram utilizados artigos e livros. A literatura referenciada traz conhecimentos acerca do movimento de resistência “Marcha das Vadias” na constituição da corporeidade das mulheres brasileiras contemporâneas. O levantamento de materiais bibliográficos deu-se principalmente a partir da base de dados *Scientific Eletronic Library Online* (SCIELO), privilegiando-se artigos atuais (2000 a 2018).

Foram pesquisados especificamente artigos que abordam a discussão sobre as temáticas de movimentos de resistência feminina e Marcha das Vadias, bem como patriarcado e corporeidade feminina. Para a busca desses temas foram utilizadas as seguintes palavras-chave: “movimentos de resistência”, “marcha das vadias”, “cultura patriarcal”; “corporeidade”. Assim sendo, foi encontrado um total de 40 artigos na base de dados Scielo; após a leitura permaneceram 19, visto que esses atenderam aos objetivos propostos no presente estudo.

Devido à escassez de artigos, foi necessário buscar material em outros endereços eletrônicos, livros, bem como na Carta Manifesto da Marcha das Vadias de 2011. Como percurso metodológico, utilizou-se a elaboração de três categorias específicas a saber: 1) Cultura patriarcal e corporeidade feminina; 2) Marcha das

Vadias; 3) Marcha das Vadias como um movimento de resistência à cultura patriarcal.

As análises das categorias elencadas deram-se sob a abordagem qualitativa. Entre os mais diversos significados, conceitua-se abordagem qualitativa como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da subjetividade do autor. “Esse processo implica em estudos segundo a literatura pertinente ao tema, análise de dados, que deve ser apresentada de forma descritiva” (OLIVEIRA, 2010, p. 38). Entendendo-se que a pesquisa qualitativa, por analisar um continente de “significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (MINAYO, 2001, p. 22), investiga com profundidade o lado não perceptível dos relacionamentos humanos.

3 CULTURA PATRIARCAL E CORPOREIDADE FEMININA

Para se alcançar o objetivo deste artigo, o qual se propõe a conhecer a atuação do movimento de resistência “Marcha das Vadias” na constituição da corporeidade das mulheres brasileiras contemporâneas faz-se necessário elaborar algumas considerações sobre a cultura patriarcal e suas implicações na corporeidade feminina.

A literatura é pródiga ao afirmar que, ao longo dos séculos, “inúmeras sociedades agrícolas estabeleceram novas formas de desigualdades entre homens e mulheres, em um sistema que ficou denominado de patriarcal, caracterizado pelo domínio de maridos e pais” (NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 48). Com a generalização desse domínio, o patriarcado emergiu em um combinado de crenças e instituições, onde cada civilização estabeleceu a união entre as questões de gênero, com aspectos de sua estrutura cultural e institucional.

Patriarcado é definido por Costa (2018, p. 10) como “a internalização e naturalização de normas que expressam a dominação dos homens sobre as mulheres”, ou seja, o reconhecimento das funções que cada um deve desempenhar, de forma a ter aprovação pela coletividade. Para Delphy (2015, p. 19), “a libertação das mulheres não se dará sem a destruição total do sistema de produção e de reprodução patriarcal”.

Os homens tinham como posse não só as mulheres, como também as crianças e os escravos. Diante dessa situação, as atividades dos homens passaram a ter um maior valor social, em total desconsideração das atividades femininas, considerando a atribuição de suposto poder ao homem:

A partir do poder do homem enquanto categoria social [...] o patriarcado é uma forma de organização social na qual as relações são regidas por dois princípios básicos: 1) as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens e, 2) os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos (NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 50).

Os sistemas patriarcais costumam relacionar culturalmente a fragilidade das mulheres à inferioridade, como reiteram Pratta e Santos (2017). Da mesma forma, tais sistemas também classificam os deveres domésticos como obrigatoriedade do gênero feminino, e em casos extremos, como em alguns países árabes, as mulheres são privadas até mesmo do seu direito de aparecer em público, em clara demonstração de domínio masculino, apresentando-se como um corpo objetificado.

Segundo o francês Michel Bernard (2001, *apud* CAETANO, 2017, p. 168), “a categoria corpo, apropriada no ocidente, indicaria uma experiência corporal caracterizada pela homogeneidade e estabilidade, através da qual é possível estabelecer uma relação corpórea, controlada e massificada”. Por sua vez, o modelo tradicional de corpo, tal qual é conhecido no Ocidente, encontra-se atrelado a um modelo de existência, carregado de um ponto de vista ordenador do mundo que, também de acordo com Bernard (2001, *apud* CAETANO, 2017, p. 168) é característico do “projeto tecnocientífico de um capitalismo triunfante”.

Voltando-se à questão sobre capitalismo e patriarcado, as mulheres, segundo estudos de Miguel (2017, p. 19):

Foram incorporadas de forma marginal à produção capitalista. Formavam o último estoque do exército industrial de reserva, chamadas a assumir postos de trabalho em momentos de escassez de braços (como durante as guerras), mas sempre as primeiras a serem dispensadas. Os arranjos familiares, as convenções morais dominantes e o funcionamento do

mercado de trabalho agiam em conjunto para que sua posição na estrutura de classes assumisse características diferentes daquelas dos homens.

Além disso, ainda segundo Miguel (2017), o salário destinado às mulheres era, como continua sendo até os dias atuais, inferior, bem como sua posição profissional. Tal contexto tem possibilitado aos homens a atribuição de lugares de destaques, em clara posição de domínio.

Contraopondo-se a esse domínio, os movimentos feministas têm buscado a celebração do corpo feminino como motivo de prazer e empoderamento, considerando as mulheres, ao longo dos séculos, como detentoras de direitos conquistados na sociedade, como o direito a voto, por exemplo, além de assumir também direitos iguais no matrimônio. Com essas transformações e conquistas, pode-se afirmar que ocorreram, ainda, profundas mudanças na compreensão acerca da subjetividade do corpo feminino, as quais foram acompanhando as mudanças econômicas, políticas, históricas e socioculturais (BORIS; CESÍDIO, 2017).

Essas mudanças se refletem na imagem sobre a aparência ideal do corpo feminino, ou seja, o ideal consentido por modelos físicos e comportamentais historicamente específicos de corporeidade aceitável refletindo a sociedade vigente. Os discursos sobre as relações de poder conotadas por gênero revelam o *status* das mulheres nessa sociedade, que na maioria das vezes emerge como exclusão do poder social e através da negação da subjetividade, favorecendo a cultura da externalidade e destituição do corpo (LÜDORF; VILAÇA, 2010).

Ao mesmo tempo, a corporeidade feminina é intensamente visível na atualidade, o que pode se considerar um paradoxo na cultura contemporânea. Uma vez que ocorre o simultâneo desaparecimento e superexposição do corpo na cultura, nas instituições e no discurso persuasivo da comunicação social, segundo Foucault (1979), observa-se que o corpo está espelhado também nas diversas mídias sociais, em exposição objetificada.

Na multiplicidade dos discursos midiáticos, no universo simulado da perfeição, com o objetivo do controle social como controle sobre os corpos, ainda em Foucault (1979), pode-se afirmar que a concepção do corpo feminino se institui como “corpo-para-o-outro”, utilizado como meio de poder, sem deixar de ser algo

que está em jogo. Sendo assim, na busca de adequação, as mulheres tem se colocado em posição de negação de seu valor de sujeito de si, atravessada pelo juízo do olhar do outro.

A corporeidade passou a ocupar um papel de destaque na sociedade contemporânea, tendo seu expoente máximo na imagem corporal, cuja busca incessante leva as mulheres a preocupar-se com a aparência, com a forma física, com o desempenho. Tal expressão é a “forte e constante preocupação dos sujeitos com a apresentação e a forma de seus corpos, na tentativa de adequá-los a um ideal supremo de beleza jovem, magra e provocativa” (FIGUEIREDO; NASCIMENTO; RODRIGUES, 2017, p. 70).

Muito embora a invisibilidade das mulheres como sujeitos sociais, a aparência física dos corpos femininos tem sido tradicionalmente submetida a uma avaliação mais rigorosa, esperando-se que as mulheres mantenham sua forma, aparência e comportamento dentro das exigências sociais estritamente definidas. Parâmetros esses, estabelecidos e reforçados pelas mídias, submetendo as mulheres a uma padronização corporal coletiva, com ideais discursivos difíceis de serem alcançados, o que, para Braga (2003), se caracteriza em autoridade discursiva capaz de marcar o corpo, possibilitando-lhe inúmeras representações de resistência.

Essas representações, por sua vez, possibilitam às mulheres novas formas de reação, em vez de submissão, gerando movimentos de resistência diversos. O que, para Santos e Costa (2018), demonstra a emersão do corpo feminino como forte ferramenta discursiva contra a opressão secular à qual as mulheres têm sido submetidas pela cultura patriarcal.

Demonstrando a atuação do corpo feminino como instrumento “vivo, vibrátil, e sensível, que resiste à dominação, que atravessa as representações simbólicas” (SANTOS; COSTA, 2018, p. 10), o movimento de resistência Marcha das Vadias, objeto desse trabalho, se destaca.

4 MARCHA DAS VADIAS

A nova forma de protesto feminista representada pela Marcha das Vadias surgiu no contexto histórico do movimento de libertação das mulheres. A “segunda

onda” do movimento feminista começou como um movimento ativista nos anos 60 e foi, em seguida, retomada pela academia. As mulheres de países industrializados, em particular, alcançaram importantes ganhos nos anos 60 e 70 em termos de direitos legais, como tornar ilegal o estupro matrimonial, direitos trabalhistas e direitos reprodutivos. O movimento pode estar centrado historicamente dentro dos movimentos antiestupro dessa época, que geraram centros de crise de estupro e marchas e comícios de *Take Back the Night* (DUTRA; NUNES, 2015).

Na Europa, o primeiro evento internacional *Take Back the Night* ocorreu em 1976 no Tribunal Internacional sobre Crimes Contra as Mulheres, em Bruxelas. Mais de 2000 mulheres de 40 países participaram. Sob o nome *Reclaim the Night*, também ocorreram marchas na Itália, Alemanha, Inglaterra, Índia e Austrália; concomitantemente as marchas *Take Back the Night* surgiram nos EUA e no Canadá. Elas continuaram a ser organizadas em cidades em todo o mundo, com foco na eliminação de todas as formas de violência sexual (GARCIA, 2012).

A Marcha das Vadias está posicionada dentro da recente onda de movimentos de protesto de base liderados por jovens que parecem ser organizados e alimentados pelas mídias sociais. Ao considerar que Assemelha-se a formas anteriores de ativismo feminista, representando novo e radical movimento, livre das organizações tradicionais e da política partidária, de acordo com Gomes e Sorj (2014). Neste movimento, as pessoas buscam demonstrar que são contra a ideia de que as mulheres podem ser alvo de estupro em razão do que vestem, do quanto bebem ou do modo como se comportam.

As marchas são organizadas, principalmente, por mulheres mais jovens, tornando os eventos muito mais eficazes em atrair atenção da mídia e interesse dos participantes do que as ações de organizações feministas bem estabelecidas (e mais bem financiadas). Embora nem todas as feministas concordem com as mensagens da Marcha das Vadias, os protestos traduziram o entusiasmo *on-line* para a ação em pessoa de uma forma que nunca foi feita antes no feminismo nessa escala (GARCIA, 2012).

As Marchas das Vadias no Brasil são movimentos repletos de autonomia e espontaneidade, cuja mobilização ocorre particularmente pelas redes sociais, divulgadas por panfletagem e cartazes espalhados pelas cidades. Os protestos

mobilizam milhares de pessoas, conseguindo chamar a atenção sobre a importância das discussões de gênero nas mais diferentes esferas. Os cartazes, gritos e palavras de ordem comuns nas marchas realizadas pelo país destacam a luta e reivindicações das mulheres pelo fim do machismo e da violência de gênero. Alguns gritos como “*o corpo é meu, a cidade é nossa*” e “*meu corpo, minhas regras*” enfatizam que forma

O espaço político estabelecido nas Marchas das Vadias, destituído de liderança representada, efetivou-se como um espaço capaz de proporcionar às mulheres consideráveis avanços em sua trajetória no feminismo, possibilitando-lhes maior liberdade de expressão. Tais preocupações colocam as reflexões produzidas pela Marcha das Vadias em um contexto mais vasto da luta democrática.

Para além das demandas relativas à luta contra a violência de gênero e à defesa da liberdade sexual, ganha destaque o debate sobre formas de organização política da sociedade civil, tendo como horizonte práticas que fortaleçam a democracia (RIBEIRO; O'DWYER, HEILBORN, 2018, p. 92).

Diante das inúmeras práticas capazes de fortalecer a democracia e possibilitar oportunidades de reivindicação das mulheres sobre seus corpos, a Marcha das Vadias emerge como espaço facilitador de avanços ao movimento feminista. Tal movimento ocorre “sem perder de vista os fatores agregadores do significante, mulher, possibilitando as manifestações de diversas mulheres negras, lésbicas, jovens, rurais, dentre outras” (ADRIÃO et al., 2011, p. 678).

5 MARCHA DAS VADIAS COMO UM MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA À CULTURA PATRIARCAL

Em um percurso temporal, as mudanças ocorridas no modelo de subjetividade e de corpo feminino, enfocando sobretudo os períodos culturais do patriarcado e do século XX foram se fortalecendo. Contemporaneamente, podem ser encontrados em diversas situações, sujeitos, momentos e instituições (BORIS; CESÍDIO, 2007).

É necessário reconhecer que os momentos de resistência feminista instaurados no Brasil, procedentes do movimento social, inicialmente demandaram

ações do Estado tanto pela via institucional-legislativa quanto pela via jurídica (BANDEIRA, 2009). Sendo assim, na busca da condição igualitária de seres humanos, as mulheres vêm ampliando, ao longo do tempo, múltiplas formas de resistência ao domínio patriarcal. Essas formas de resistência, na sociedade atual, conquistam visibilidade através de movimentos sociais como a Marcha das Vadias (DUTRA; NUNES, 2015).

Questões sobre autonomia e questões relacionadas sobre o eu e a identidade têm sido importantes para a construção da corporeidade feminina após a Marcha das Vadias, e dentro do pensamento feminista é possível encontrar formas radicalmente diferentes de pensar sobre esse tema. (GOMES; SORJ, 2014). O presente estudo voltou-se para a maneira com que algumas feministas tentaram conceber o que é para uma mulher ser “autônoma”, e as implicações que isso tem para as maneiras de pensar sobre o eu humano e seu corpo.

Sobre esta questão, Araújo (2013, p. 404) apresenta a seguinte contribuição:

Parece-nos que na contemporaneidade os processos de subjetivação e de identidade estão pautados na justaposição e no simultâneo, mas, os conflitos com os paradigmas modernos, das identidades fixas nos levam a pensar em crises, quando na realidade são conflitos de ontem no hoje.

As representações sobre a Marcha das Vadias qualificam-na como um movimento alegre, impetuoso e irreverente, contrapondo-se ao passado do feminismo, cujos discursos são caracterizados como mais controlados. A proposta lúdica da Marcha das Vadias atrai a juventude como um movimento festivo e divertido. As imagens das jovens com roupas provocantes são divulgadas abundantemente nas mídias, contrariando as “representações estigmatizantes e apresentando-as como alternativas libertadoras dos códigos normativos” (RIBEIRO; O'DWYER, HEILBORN, 2018, p. 92).

Portanto, supõe-se que a maior adesão de jovens, em comparação a anos anteriores do feminismo, se deve ao fato de o termo “feminista” ter adquirido uma

nova conotação, que não a de “feminista mal-amada”, outrora usada com a intenção de desacreditar o movimento, mas de mulher ousada, irreverente e não submissa

Por outro lado, conforme exposição de Oliveira (2015), a Marcha das Vadias apresenta-se como uma questão polêmica suscitada pela exposição do corpo, uma vez que ele se apresenta como cenário de lutas femininas. Neste cenário, atua como simbólico estandarte na luta contra o processo de dominação-exploração imputado às mulheres, bem como campo de manifesto, não apenas para a opressão, mas principalmente como expressão de resistência.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do levantamento teórico realizado, é possível afirmar que a Marcha das Vadias se destaca como um lembrete do passado mais popular do feminismo e aponta para o que o futuro poderia parecer, entendendo-se que o patriarcado é o principal obstáculo ao avanço e desenvolvimento. Uma vez que, apesar das diferenças nos níveis de dominação, os princípios gerais permanecem os mesmos, ou seja, os homens no controle.

É importante estabelecer um entendimento acerca da cultura do patriarcado, haja vista que é responsável por manter as mulheres dominadas e subordinadas. Acredita-se que na medida em que se levantar o véu de seu funcionamento, será possível trabalhar o desenvolvimento das mulheres de maneira ampla e diversificada. No mundo moderno, porém, onde as mulheres avançam por seu mérito, o patriarcado ainda mantém severos obstáculos para as mulheres conquistarem seu espaço de direito na sociedade.

As marchas se tornaram uma forma de as mulheres, bem como os homens que apoiam a causa, confrontarem a ideia de que as mulheres poderiam evitar estupros e outras formas de violência sexual usando roupas menos reveladoras. A ideia de que as roupas femininas têm alguma influência sobre se serão estupradas, é um mito perigoso que as feministas tentam desfazer há décadas.

Diante da literatura apresentada, observou-se que as conquistas da Marcha das Vadias, em termos de consciência da sujeição feminina, de ataque às

instituições do patriarcado e de maior acesso à esfera pública da política e às profissões não causaram uma rejeição igualmente vigorosa da corporeidade normatizada. Por outro lado, as conquistas emancipatórias das mulheres têm sido acompanhadas por persistência na atratividade física do corpo feminino, através de imagens de mídia e mensagens com sexualidade e beleza, respectivamente.

Importa considerar nesse contexto, a potência do movimento como possibilidade de campo fértil para as reivindicações apresentadas pelas mulheres, especialmente no que diz respeito às manifestações realizadas de forma agressiva ou estereotipadas. Há que se refletir sobre a atuação das mulheres durante a marcha, considerando a necessidade de realização de pesquisas futuras, a fim de entender melhor essas formas de imersão em que as mulheres se encontram no âmbito social, e a importância das lutas travadas por elas, bem como a Marcha das Vadias, como um movimento de resistência original, e suas implicações na corporeidade da mulheres brasileiras contemporâneas.

Por fim, ao que se refere ao objetivo traçado, cita-se que esse foi alcançado, uma vez que nessa premissa possibilitou conhecer a atuação do movimento de resistência Marcha das Vadias, na constituição da corporeidade das mulheres brasileiras contemporâneas. Diante disso, acredita-se que as práticas discursivas nas quais estão imersas possibilitou lutas e conquistas às mulheres brasileiras.

MARCHA DAS VADIAS: MOVEMENT OF RESISTANCE TO PATRIARCHAL CULTURE EXPRESSED IN THE CORPORATION OF CONTEMPORARY BRAZILIAN WOMEN

Abstract: The present article had as objective to know the performance of the resistance movement "Marcha das Vadias", in the constitution of the corporeity of contemporary Brazilian women. This is a bibliographical research, whose themes are: Marcha das Vadias; Patriarchal Culture; Female Corporeity. In the face of the literature presented, it is possible to consider that the "Marcha das Vadias" as a resistance movement, represents new and daring feminist activist movements, in turn, free from traditional organizations and party politics, as an act that drives the search for female freedom. On the other hand, while this movement is seen as a potential bearer capable of giving voice to demands, women's struggles for gender-equal relations still face limits in capitalist society.

Keywords: resistance movements, Marcha das Vadias; patriarchal culture; corporeity.

REFERÊNCIAS

ADRIÃO, K. G., TONELI, M. J. F., MALUF, S.W.. O movimento feminista brasileiro na virada do século XX: reflexões sobre sujeitos políticos na interface com as noções de democracia e autonomia. *Estudos Feministas*. Florianópolis, 19 (3), 392, set./dez., 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000300002/21235>. Acesso em: 05 dez. 2018.

AGUIAR, N. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. **Sociedade e estado**. Brasília, v. 15, n. 2, dez. 2000. pp. 303-330. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v15n2/v15n2a06.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

ARAÚJO, A. P. Discurso e sujeito em práticas identitárias na Pós-modernidade. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, Maringá, v. 35, n. 4, out./dez., 2013, pp. 401-405. Disponível em: <<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/viewFile/20561/pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.

BANDEIRA, L. Três décadas de resistência feminista contra o sexismo e a violência feminina no Brasil: 1976 a 2006. **Sociedade e estado**, Brasília, v. 24, n. 2, ago. 2009, pp. 401-438. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v24n2/04.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

BORIS, G. D. J. B.; CESÍDIO, M. de H. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, v.7, n. 2, Fortaleza, set. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000200012>. Acesso em: 18 ago. 2018.

BRAGA, A. Corporeidade discursiva na imprensa feminina: um estudo de editoriais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, pp. 109-120, jan./jun. 2003. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/64>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

CAETANO, P. de L. Pistas somáticas para um estudo da corporeidade: uma aprendizagem das sensações. **Fractal, Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, ago. 2017, pp. 168-176. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/fractal/v29n2/1984-0292-fractal-29-02-00168.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.

CARTA MANIFESTO DA MARCHA DAS VADIAS, 2011. Disponível em: <<https://marchadasvadiasdf.wordpress.com/manifesto-porque-marchamos/>>. Acesso em: 10 set. 2018.

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPQ. Disponível em: <http://memoria.cnpq.br/web/guest/pioneirasview/-/journal_content/56_INSTANCE_a6MO/10157/1144214>. Acesso em: 10 out. 2018.

COSTA, M. N. da. Transformando o patriarcado? O papel da luta feminista na reconfiguração das categorias marxistas. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 41, n. 3, jul. 2018, pp. 125-144. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/trans/v41n3/0101-3173-trans-41-03-0125.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

DELPHY, C. O inimigo principal: a economia política do patriarcado. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 17, ago. 2015, pp. 99-119. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n17/0103-3352-rbcpol-17-00099.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.

DUTRA, M. P.; NUNES, T. A marcha das vadias como redes de movimentos e significados. **Revista Prolegómenos**, Bogotá, Colombia, v. XVIII, n. 36 jul./dez., 2015. Disponível em: <www.scielo.org.co/pdf/prole/v18n36/v18n36a10.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2018.

FIGUEIREDO, D. de C.; NASCIMENTO, F. S.; RODRIGUES, M. E. Discurso, culto ao corpo e identidade: representações do corpo feminino em revistas brasileiras. **Linguagem Discurso**, Tubarão, v. 17, n. 1, abr. 2017, p. 67-88. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ld/v17n1/1518-7632-ld-17-01-00067.pdf>> Acesso em: 10 set. 2018.

FOUCAULT, M. Poder-corpo. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GARCIA, R. T. **Brasil**: Slutwalks se espalham pelo país. Tradução de Eleonor Staniforth. *Global Voices*, 29 de maio de 2012. Disponível em: <<http://globalvoicesonline.org/2012/05/29/brazil-slutwalks-photos-videos>>. Acesso em: 10 set. 2018.

GOMES, C de C. Corpo e emoção no protesto feminista: a Marcha das Vadias do Rio de Janeiro. **Revista Latino Americana**. Rio de Janeiro, n. 25, abr. 2017, pp. 231-255. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sess/n25/1984-6487-sess-25-00231.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.

GOMES, C; SORJ, B. Corpo, geração e identidade: a Marcha das Vadias no Brasil. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 29, n. 2, ago., 2014, pp. 433-447. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v29n2/07.pdf>> Acesso em: 10 set. 2018.

LABRONICI, L. M.; FEGADOLI, D.; CORREA, M. E. C. Significado da violência sexual na manifestação da corporeidade: um estudo fenomenológico. **Revista da**

escola de enfermagem da USP, São Paulo, v. 44, n. 2, jun. 2010, pp. 401-406. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v44n2/23.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.

LÜDORF, S. M. A.; VILAÇA, M. M. O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, fev. 2010, pp. 419-420. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v26n2/21.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.

MIGUEL, L. F. Voltando à discussão sobre capitalismo e patriarcado. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 3, dez. 2017, pp. 1219-1237. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v25n3/1806-9584-ref-25-03-01219.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.

MINAYO, M. C. de S. **Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicologia & Sociedade**. Porto Alegre, v. 18, n. 1, pp. 49-55, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n1/a07v18n1.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.

OLIVEIRA, M. M. de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 3. ed. Petrópolis (RJ), 2010.

OLIVEIRA, T. V. C. **Feminismo contemporâneo**: uma análise da Marcha das Vadias. VII Jornada Internacional de Políticas públicas. 25-28 de agosto de 2015. Disponível em: <<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo6/feminismo-contemporaneo-uma-analise-da-marcha-das-vadias.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.

PRATTA, E. M. M; SANTOS, M. A. dos. **Família e adolescência**: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros (2017). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a05>>. Acesso em: 10 set. 2018.

RIBEIRO, L.; O'DWYER, B.; HEILBORN, M. L. Dilemas do feminismo e a possibilidade de radicalização da democracia em meio às diferenças. O caso da Marcha das Vadias do Rio de Janeiro. **Civitas**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 83-99, jan./abr. 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/civitas/v18n1/1519-6089-civitas-18-01-0083.pdf>> Acesso em: 10 set. 2018.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, A. M. dos; COSTA, F. S. da. Filosofia da Corporeidade: transversalizações de um corpo intenso de devir. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 43, n. 1, pp.

223-237, mar. 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edreal/v43n1/2175-6236-edreal-63733.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2018.

VEYNE, Paul. **Foucault**: seu pensamento, sua pessoa. Trad. Luis Lima. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2009.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelas bênçãos recebidas; à minha família, pela compreensão e cuidados a mim dispensados, em especial os de Maria Tereza, por compartilhar comigo cada segundo; à minha admirável professora orientadora, Dr^a Zuleica Pretto, pela sabedoria, tempo e conhecimento a mim concedidos.